

Imaginário: ressignificando a cidade para o turismo¹

Milena Berthier Bandeira²

Mestranda em Turismo - Universidade de Caxias do Sul/UCS
Docente – Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai/IDEAU

Resumo

Pensar cidade. O presente artigo busca no referencial teórico sobre cidade, imaginário e turismo um resgate e valorização da cidade e do urbano como atrativo turístico. Reconhecer na unicidade os valores plurais que caracterizam um ser, fazer e viver cidade que, quando reconhecido, não só pelo turista, mas também pelo seu morador, pode ressignificar a cidade e, por conseqüência, produzir um outro imaginário da cidade que também possa ser trabalhado pelo turismo.

Palavras-chave

Turismo; Turismo Urbano; Cidades; Imaginário; Imaginário da Cidade.

Introdução

Cidades têm sido objeto de teorias e análises realizadas por diversos pensadores das mais variadas áreas do conhecimento (Bárbara Freitag, Henri Lefebvre, Lewis Mumford; Massimo Canevacci, Susana Gastal, entre outros). Diversificados, também, têm sido os olhares sobre estas cidades. As abordagens vão desde aspectos históricos, que buscam saber sobre sua formação, passando também por suas transformações, não só no sentido da ocupação do espaço, planejamento, mas suas características, funções, aspectos sociais, econômicas, entre outros. Estas abordagens, entretanto, quando analisadas de forma coletiva, revelam a dualidade da cidade. De um lado a explanação crítica e dura, vinculada à economia, relações de trabalho, cotidiano em geral estressante, a concretude dos fixos, do outro, o ponto de vista apaixonado de um espaço rico em possibilidades, diferente na unicidade daquilo que as caracteriza, tomada pela fluidez dos fluxos.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo e Construções Simbólicas” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

² Graduada em Comunicação Social: Hab. em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo. Especialista em Comunicação Gestão e Marketing Turístico pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Atua como docente no Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai é responsável pelo Depto. de Comunicação da mesma Instituição. miberban@gmail.com.

Sob esse discurso que esse trabalho se debruça. Sem ignorar as mazelas do espaço urbano, busca também valorizar este mesmo espaço que é rico em possibilidades, mas carente de análise e trabalho do ponto de vista do turismo.

1 Cidade

È na cidade que os indivíduos que nela habitam têm intensificada sua vida nervosa pelas condições psicológicas estabelecidas neste espaço. Mas, “que é a cidade? Como foi que começou a existir? Que processos promove? Que funções desempenha? Que finalidades preenche?” (MUMFORD, 1998, p. 9). Num percurso histórico, Lewis Mumford busca respostas a essa questão. Na leitura que Mumford faz da cidade, os indivíduos merecem críticas:

Eles são, em última instância, os provocadores de conflitos, lutas, guerras, matanças, vinganças, êxodos. No decorrer da história, e com esse espírito bélico, os homens transformam as cidades em fortalezas, simbolicamente para deixar extramuros os maus espíritos, mas, em verdade, para criar possibilidades de defesa diante de possíveis ataques (FREITAG, 2006, p. 111).

Ainda assim, Mumford concluirá que “a maior parte das funções e estruturas internas das cidades tem de ser refundidas [...] a fim de promover a unificação da vida interior e exterior do homem e a progressiva unificação da própria humanidade” (MUMFORD, 2004, p. 615). De qualquer forma, a cidade, em diferentes momentos, é tida como um ímã, atraindo pessoas. Para Ronilk (1994, p. 13) a cidade é um ímã “antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia”. Mumford também pensou dessa maneira ao dizer que:

(...) antes mesmo que a cidade seja um lugar de residência fixa, começa como um ponto de encontro aonde periodicamente as pessoas voltam: o ímã precede o recipiente, e essa faculdade de atrair os não-residentes para o intercuro e o estímulo espiritual, não menos do que para o comércio, continua sendo um dos critérios essenciais da cidade, testemunho do seu dinamismo inerente, em oposição à forma da aldeia mais fixa e contida em si mesma, hostil ao forasteiro (MUMFORD, 2004, p. 16).

Na mesma tentativa de explicar a cidade, surgem as tipologias. Em épocas diferentes, Max Weber e Saskia Sassen (*apud* FREITAG, 2006) procuram caracterizá-las. Weber descreve em vários momentos históricos, sobre funções que as cidades assumem e acumulam. O autor discorre sobre temas como conceito e categoria de cidade. Já Saskia Sassen volta ao realismo urbano, questiona a validade da divisão dos países do mundo e

das cidades em ricos e pobres, numa menção às tendências da economia mundial que teriam dado uma reviravolta na organização interna de certas cidades.

As mudanças estruturais das cidades provocam o debate conflitante entre fluxos e fixos. E quando se fala em fluxos, lembra-se de Walter Benjamin. Esse pensador apresenta uma tipologia não das cidades – como Weber e Sassen –, mas daqueles que a habitam cidade. “Walter Benjamin não pode ser encarado como um ‘sociólogo urbano’ *strictu sensu*. Foi antes um perambulador, que circulava pelas ruas de Paris, consagrando assim o conceito *flâneur*, cunhado por Baudelaire” (FREITAG, 2006, p. 29). Para Benjamin a cidade se faz nas pessoas.

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa entre o ambiente. Que a vida em toda a sua diversidade, em sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva os paralelepípedos cinzentos (BENJAMIN *apud* LEITE e PONTUAL, 2006, p. 100).

Howard (*apud* FREITAG, 2006, p. 79) parte da tese de que todos os fatores funcionavam como força de atração das populações para os centros urbanos, contrapondo os fatores de atração do campo, aos quais julga serem mais fracos. Numa tentativa de resolver essa questão e problema, Howard propunha uma alternativa para o congestionamento das cidades criando um terceiro pólo de atração (imã), para seduzir as populações a procurar seu novo modelo urbano por ele proposto, as *idades-jardim*³.

Sandra Pesavaneto (2002, p. 10), diz que “a cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento”. Canclini (2005, p. 186) aponta que precisamos repensar nossos estudos e nossos mapas urbanos na atual decomposição das cidades que habitamos. “Como as pessoas compreendem e vivenciam sua vida e existência na grande cidade?; ‘segundo que princípios estruturam a vida?’” (DAUS *apud* FREITAG, 2006, p. 37), questiona Ronald Daus, autor ainda não traduzido para o português, ao analisar as grandes cidades fora da Europa. Nas suas conclusões, observa o viés eurocêntrico nas suas formações e uma capacidade criativa e

³ Cidades Jardim: “moradia individual; articulação da cidade com a natureza; comunidades de tamanho médio, para 30 mil pessoas; trabalho, cultural, lazer refletindo-se no modelo urbano; garantia de higiene e saneamento básico. Subjacente a esses princípios, encontra-se o “sonho de uma nova sociedade”, mais igualitária, justa, limpa, saudável. (FREITAG, 2006, p. 78).

improvisadora na busca e no encontro de soluções para seus problemas.

Lewis Mumford também profetiza quanto ao futuro das cidades. Para ele a sociedade urbana chegou a um ponto em que deve optar entre dois caminhos:

[...] estaremos em condições de enfrentar a decisão imediata que ora se apresenta ao homem e que, de um ou de outro modo, acabará por transformá-lo, a saber: se irá dedicar-se ao desenvolvimento de sua mais profunda condição humana ou se irá entregar-se às forças hoje quase automáticas, que ele próprio desencadeou. (MUMFORD, 2004, p. 10).

Ao falar de condição humana, retoma-se Canclini (2005, p. 185) que alerta: “as políticas desenvolvimentistas procuravam industrializar sem se preocupar com os efeitos desintegradores das migrações que iam amontoando nos centros urbanos”. O que se vê, segundo o autor, são multidões trabalhando informalmente, desempregadas ou ainda envolvidas em redes violentas de subsistência. Canclini apresenta ainda da dialética da modernidade e exclusão. Para ele, as dificuldades de acesso, segregação espacial demarcada por bairros fechados, diferenças sócio-econômicas pela existência de ofertas de estudo e entretenimento a custos elevados contrapõe-se a diversidade de bens e produtos ofertados pela cidade. Por outro lado, o acesso é delimitado. Nem todos podem comprar.

Canevacci (1997, p. 21) diz que é preciso haver um afastamento da cidade para então entendê-la e, posteriormente, desejá-la. Patrick Geddes (*apud* FREITAG, 2006, 80) pertence ao grupo de urbanistas do movimento *city is beautiful*. Defende a tese de pesquisa antes do planejamento. Em 1938, Wirth (*apud* FREITAG, 2006, p. 109) vai dizer que “a cidade é plural [...] não é somente unidade espacial, ela é produtora de cultura, com relações sociais, normas, valores próprios”. Castrogiovanni (1999, p. 1) fala que “as cidades são representações fiéis dos macromovimentos sociais”. Pesavento relata que “a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem mais verdadeiros ou importante que os outros” (PESAVENTO, 2002, p. 10). “A cidade é o lugar do olhar. [...] o olhar significa não somente olhar, mas também ser olhado” (CANEVACCI, 1997, p. 43). Em meio a diversificação de pensares sobre a cidade, Pesavento cita Lucrecia D’Alessio Ferrara:

As transformações econômico-sociais deixam na cidade marcas e sinais que contam

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

uma história não verbal pontilhada de imagens, de máscaras, que tem como significado o conjunto de valores, usos e hábitos, desejos e crenças que misturam, através do tempo, o cotidiano dos homens. [...] Por isso, a história da imagem urbana contém um relato das formas de sentir, ver e sonhar a cidade... (FERRARA *apud* PESAVENTO, 2002, p. 15).

É nessa interdisciplinaridade que se apresenta na fala e na leitura das cidades que se entende que:

A cidade não é simplesmente um lugar para viver, para passear e levar as crianças para brincar. É um lugar que implica questionar como nos conduzimos moralmente, como desenvolvemos o nosso senso de justiça, como nos comunicamos com as pessoas que diferem de nós e até que ponto estamos dispostos a delas aprender. Em suma: a cidade é o lugar que nos ensina como um ser humano vem a ser humano. (BO GRÖNLUND *apud* FREITAG, p. 114)

A interdisciplinaridade foi encontrada pela compilação de diversos autores que – cada um em sua época – pensaram cidade. Embora em tempos diferentes as observações, críticas e prospecções acerca do tema não limitaram o diálogo que se buscou estabelecer. Talvez por serem tão representativa as contribuições sobre cidade de cada um dos pensadores aqui expostos, e também, por ser possível ainda constatar que algumas práticas ainda perduram – mesmo que teoricamente apresentadas em outro século – que os contextos limitados pelas questões temporais puderam ser relevados em nome de um outro olhar sobre a cidade.

2 Imaginário da cidade no turismo

Olhar o turismo sob o ponto de vista sociocultural significa considerar, como ponto de partida, que são pessoas que se deslocam (ou pensam em deslocar-se), e que estes sujeitos, ao fazê-lo, além de suas necessidades objetivas e materiais, carregam consigo suas subjetividades, suas necessidades afetivas e psicológicas. Entre estes novos olhares sobre os sujeitos em deslocamento, estão os estudos sobre os imaginários.

Os tempos pós-modernos contemporâneos nos defrontam com novas necessidades e novos desejos: vivemos na era do consumo, quando compramos não mais atender apenas às nossas necessidades, mas também para atender aos nossos desejos transformados em necessidades. E os produtos pós-modernos não vendem a si mesmos, precisam agregar imaginários porque os novos clientes necessitam dos dois: do objeto e do imaginário, sendo que o imaginário, como já colocado, pode ter valor de mercado muito superior ao objeto em si. (GASTAL, 2005, p. 70).

A retomada dos imaginários enquanto questão acadêmica foi iniciada por Michel Maffesoli, sociólogo francês, que discorda do pensamento de que opõe o imaginário ao real e verdadeiro. Em entrevista (SILVA, 2001, p. 75) Maffesoli declara que o real é acionado pela eficácia do imaginário, das construções do espírito. As tecnologias do imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários. “O imaginário é uma realidade” (SILVA, 2001, p. 81). Dá seqüência a esse pensamento Juremir Machado da Silva (2003, p. 50), que diz que o imaginário não é a vida, mas uma forma de vida, um espírito de época, uma atmosfera existencial, uma impressão no mundo, uma marca registrada pelo existente no corpo do universo, um rastro, efêmero e intenso, na pele da existência.

A teoria dos imaginários permite avançar e aprofundar o que o marketing trabalha como *imagem*. Conforme Philip Kotler (KOTLER *apud* GASTAL, 2005, p. 53), teórico respeitado, no âmbito do marketing a imagem de um local é a soma das crenças, das idéias e das impressões que as pessoas têm dele. As imagens apresentam-se como uma simplificação de várias associações e informações ligadas ao local. Como colocado pelo marketing, as imagens ou, avançando a questão, o imaginário, talvez forneça um dos dados que mais contribuem a favor ou contra um destino turístico, no sentido de sua atratividade. É nos imaginários que se concentram os sentimentos, desejos e necessidades humanas. Até certo ponto, eles podem ser alimentados por técnicas eficientes de publicidade e marketing. Mas, por tratar-se de sentimentos, há uma força subjacente – o que Maffesoli denomina de *imaginal* – como:

[...] o sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupo. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. [...] O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (Silva, 2003, p. 12). Estas correntes podem ser externas, mas também internas ao sujeito, indicando-lhe modos de permanecer individual no grupo e grupal na cultura (GASTAL, 2005, p. 74).

É o imaginário, portanto, uma das matérias-primas para planejadores do turismo e dos produtos turísticos contemporâneos, pois ele é importante demais para ficar relegado ao olhar do marketing, como destaca Gastal (2005). Segundo Silva (2003), o imaginário é utilizado para seduzir por meio de tecnologias que buscam entrar no jogo do receptor para neutralizá-lo, de forma a convencê-lo a aderir determinada idéia, não a partir da razão, mas sim dos sentimentos, emoções e impulsos.

No mundo contemporâneo, as transformações decorrentes do crescimento populacional e das novas matrizes econômicas a partir da globalização, atingem o turismo e mais, o turista ou, ainda, a *alma dos viajantes*. De acordo com Beni (2003, p. 36), essas férias fora do padrão tradicional representam uma forte tendência no futuro do turismo global – uma atividade à beira de um tremendo crescimento e também de mudanças. Beni (2003, p. 37) diz ainda que os futuros turistas também desejam fazer coisas diferentes. Embora o turismo de sol e praia continue expressivo, pressões de tempo, superlotação e envelhecimento da população significam que as férias-padrão de duas semanas na praia passarão a concorrer com outras opções de destino e viagem, entre elas as cidades com ofertas de lazer e cultura, não necessariamente litorâneas ou localizadas nas montanhas. Trabalhar a cidade a partir de seus imaginários supõe considerar as especificidades das categorias *cidade* e *urbano*, estando uma para outra, como o rural estaria para a rusticidade. Ao propor um olhar semiótico sobre a cidade, Susana Gastal abandona os conceitos quantitativos e qualitativos buscando aprofundar a independência e interdependência entre cidade e urbano. Em *Imaginários da Cidade*, Sandra Jatahy Pesavento, inicia apresentando a origem do imaginário da cidade:

No princípio era o barro, e não a pedra, mas lá já estava o sonho, mesmo que fosse fruto da violação ao sagrado. Assim, o Gênesis narra a edificação da primeira cidade pelo fratricida Caim, que desobedece às leis de Deus e estabelece as suas sobre a terra, submetendo a natureza. E é ainda pela obra do homem e pelo seu sonho de chegar ao céu que do barro se edifica a torre da confusão das línguas, novo castigo de Deus à raça maldita de Caim (PESAVENTO, 2002, p. 7).

Caim é filho de Adão e Eva, personagens bíblicos que viveram no paraíso – Jardim do Éden. Caim é quem mata o próprio irmão, Abel. Caim é o homem que desafia a natureza, edifica uma cidade e convoca os demais para construir uma torre – Babel – cuja extremidade deveria atingir os céus. É a cidade de Caim que receberá o castigo divino. Seria a torre de Babel os arranha-céus da cidade que conhecemos? Estaria no nome – Babel – o significado das cidades, ou seja, balbúrdia? Está no espaço – cidade – castigado e submetido ao conflito o início do imaginário do caos agregado a urbe contemporânea?

O nascimento da cidade nos chega, pois, de forma mítica, com apoio do texto sagrado e na imagem que nele se inspira. Um discurso e uma imagem que nos chegam como representação da criação do homem. Como mito, trata-se de uma estrutura narrativa que não somente conta e explica, mas revela e porta sentidos outros para além do que é dito. Assim, a cidade-mito das origens poderia expressar tanto o domínio do homem sobre a

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

natureza – que se traduz em cultura – quanto o conflito, a ambição e o desejo de um vir-a-ser sem fim da espécie humana (PESAVENTO, 2002, p. 7).

A dualidade também está presente no imaginário da cidade. A cidade apresenta vantagens e desvantagens de ser como é. E para quem vive nela, os extremos caracterizam-se como gozo e ódio.

Ora uma metrópole propicia aos seus habitantes representações contraditórias do espaço e das socialidades que aí têm lugar. Ela é, por um lado, luz, sedução, Meca da cultura, civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora, centro de perdição, império do crime e da barbárie, mostrando uma faceta de insegurança e medo para quem nela habita. São, sem dúvida, visões contraditórias, de atração e de repúdio, de sedução e de rechaço, que, paradoxalmente, podem conviver no mesmo portador. Essa seria até, como lembra Marshal Berman, uma das características da modernidade como experiência histórica individual e coletiva: a postura de celebração e combate diante do novo, que em parte exerce fascínio e em parte atemoriza (PESAVENTO, 2002, p. 19).

O olhar pós-moderno promove um aprofundamento da questão do imaginário. É essa linha que vai buscar “entender a cidade nas suas construções de sentido e teia de significados, passíveis de interpretação e semiose” (GASTAL, 2006, p. 9). Sobre este período Susana Gastal explica que:

Se no momento pré-moderno, e mesmo no momento moderno, a percepção regia a visualidade, o momento pós-moderno pode ser considerado uma cultura pós-perceptual, caracterizada por uma construção de sentido imediata pela máquina. Marca-se pela recepção de imagens e imaginários, e não de realidades, pelo menos não no sentido que esse conceito teria para sensibilidades tradicionais ou modernas. (GASTAL, 2005, p. 52)

Por imaginário entende-se que é [...] um sistema de representações sociais, construídas e que se expressam por discurso, imagens e práticas (PESAVENTO, 2003, p. 209). Para Juremir Machado da Silva (2003, p. 30) “O imaginário é uma educação existencial dos sentidos da percepção”. O autor vai dizer também que “todo imaginário é uma imaginação do real” (SILVA, 2003, p. 51). Neste sentido, o que se imagina da cidade é o que ela de fato é, por outro lado, Silva (2003, p. 30) vai dizer que “o imaginário é sempre desvio, divergência, apropriação, reinterpretação, releitura, desconstrução, reconstrução e nova afirmação”. Entendendo que apropriação, reinterpretação e as demais construções de significado abarcadas por Silva são particulares, talvez se possa dizer que a realidade seja interpretativa. E, aprofundando esse pensamento, Pesavento diz:

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

Isso equivale a dizer que são construções mentais que dão significado ao mundo e que permitem a identificação, o reconhecimento, a classificação e a atribuição de valor à realidade. Mais ainda, podemos avançar nesta linha de entendimento e dizer que participam da construção de realidade, uma vez que compartilham deste núcleo de investimento original que faz com que as pessoas enxerguem o mundo, as relações sociais e a si próprias de uma determinada maneira. (PESAVENTO, 2003, p. 209)

Seguindo esse raciocínio, explorar os sentidos é uma forma de buscar uma interpretação das cidades. Essa compreensão, de acordo com a proposta semiótica de Gastal (2006, p. 9), trata de olhar a cidade como um texto a ser decifrado não apenas pelos visitantes, mas pelos próprios moradores que, não raro, sentem-se perplexos ante o emaranhado de ruas, bairros, culturas e comportamentos presentes nos territórios urbanos. Do ponto de vista da compreensão do urbano, é preciso agradecer o pensamento pós-moderno pelo fato de que tenha valorizado a cidade como texto, tramas de signos e associação multicultural de narrativas, diz Canclini. (2005, Pg. 195). E se a cidade é texto, faz-se necessário então a sua leitura a partir de todos os sentidos, como propõe Castrogiovanni.

O traçado de uma cidade é uma arte processual e representa uma leitura temporal. A cada instante há mais do que os olhos podem ver, do que o olfato pode sentir ou do que os ouvidos podem escutar. Cada momento é repleto de sentimentos e associações a significados, portanto, há uma constante construção de significações” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 25).

Se inicialmente a bíblia acalentou – e quem sabe ainda acalente – o imaginário das cidades, outros meios também são relevantes no reforço dos imaginários. Canclini (2005, p.191) vai lembrar que da literatura aos meios massivos e a industrialização são como protagonistas da visibilidade urbana: “Agora, mais do que na literatura, as cidades são imaginadas pelas crônicas jornalísticas, pelo rádio e pela televisão. São estes os principais agentes de construção do sentido urbano”, diz o teórico.

Em que pese que as cidades foram, como é óbvio, experiências visuais, o predomínio escritural da cultura moderna atribuiu aos textos literários a tarefa de estabelecer o que é uma cidade e o que significa viver nela. Onde as cidades são fundadas? [...] cabe se perguntar como se formam as identidades nestas urbes que não se opõem à natureza tão rigidamente como no passado. (CANCLINI, 2005, p. 191).

Conforme Freitag, “esse tipo de cidade pós-moderna dos nossos tempos reúne e condensa em uma área urbana específica as qualidades do ‘meio criativo’” (2006, p.

89). Portanto, cada cidade é singular, oferece um espetáculo diferenciado, centraliza uma série de possibilidades que criam um grande poder de sedução (CASTROGIOVANNI e GASTAL, 1999, p. 08).

Temos consciência que esse é um caminho que passa pela recepção, que implica a releitura e re-produção de um texto ou imagem pelo leitor, que constrói, com isso, novos significados. Da mesma forma, poderíamos problematizar essa reconstrução/apropriação ou o processo pelo qual discursos e imagens se transformam, passando de um grupo social ou de uma época e local para outro. Ao se apropriarem de representações construídas em outro contexto – e que podem ser datadas e localizadas, correspondendo a situações particulares –, seus novos detentores estabelecem aproximações, limites e equivalências. A apropriação é seletiva e constitui a resposta a uma forma de consumo e de estratégia de viver. Em suma, recepção/reprodução de idéias e imagens correspondem a necessidades, a enfrentamentos e a campos de luta. Como refere Bordieu, o real é um campo de disputa para definir o que é real. Assim, a produção de representações sobre o mundo que constitui o imaginário coletivo de uma sociedade, corresponde a esse jogo de forças. (PESAVENTO, 2003, p. 23)

Representar, apropriar, reproduzir. Tão complexa quanto a subjetividade dos imaginários é a cidade. Individual ou coletivamente a cidade é também fruto das relações que com ela se dão e, para o turismo, o uso desses verbos acalenta ou não os imaginários que a ela estão ligados.

3 Ressignificando o imaginário da cidade para o turismo

Numa comparação com o rural, as cidades não têm sido estudadas com a mesma intensidade pelo turismo. A preocupação com a manutenção dos recursos naturais e das características da rusticidade da vida no campo, faz com que não seja devidamente considerado que a maioria das pessoas no Brasil, hoje, vive nas cidades⁴, e que muitas outras pessoas, por sua vez, as têm como destino turístico qualificado⁵. Nestes termos, a cidade precisa ser estudada e ser objeto de preocupação acadêmica também para aqueles que estudam o turismo. Independente de sua localização, todas as cidade são especiais. Ao mesmo tempo, todas são singulares.

Independente de ser uma pequena ou grande metrópole, ela pulsa, vive, seduz, agride, transforma-se e transforma aqueles que nela interagem. Ela tem limites ilimitados no

⁴ Proporção da população por situação de domicílio - 1980-2000. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm> 19/04/2008.

⁵ De acordo com o anuário da Embratur 2006, São Paulo é a terceira cidade mais visitada por motivo de lazer. Em primeiro lugar está o Rio de Janeiro e em segundo lugar Foz do Iguassu. Quando a motivação são negócios, eventos e convenções, ao lado de São Paulo, outros destinos urbanos se destacam, como: Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Campinas, Brasília. Disponível em <[http://200.189.169.141/site/arquivos/dados_fatos/Anuario/anuario_2006__3versao_internet_dados_2005\(14_12_06\).pdf](http://200.189.169.141/site/arquivos/dados_fatos/Anuario/anuario_2006__3versao_internet_dados_2005(14_12_06).pdf)> 19/04/2008

tempo e muitas vezes no espaço. A cidade é repleta de entornos e estabelece entornos, alguns fortes, expressivos; outras vezes suaves, interativos com a continuidade espacial. A cidade é viva... (CASTROGIOVANNI et al, 1999, p.32).

Em contradição a esta posição, para Henri Lefebvre (2001), a cidade está morta, em muito em decorrência de planejamentos urbanos mal conduzidos. Ao se propor um planejamento que segue o pensamento fruto da industrialização, cujos espaços passam a seguir uma ordenação segmentada, materializando a lógica, fragmentando, separando e racionalizando o urbano, rompendo com a cidade como mediação – espaço de negociação, de pactuação – a cidade não viveria, segundo o teórico.

Planejadas ou não, as cidades cada vez mais recebem pessoas que vivem sua ambigüidade. Se é possível aproveitar o que estes espaços oferecem, ao mesmo tempo o que faz da cidade a cidade – num entendimento a partir do imaginário comumente agregado a ela – suscita sentimentos que fogem das características de bem-estar. Se por um lado parecem inabitáveis, por outro, “com suas lógicas próprias, há vida, atração e mesmo paixão por essas cidades. Elas permanecem lugares de encontro e de convivência” argumenta Mafesolli (*apud* SILVA, 2001, p. 17).

Gastal cita Argan que diz que a cidade não se funda, se forma. A autora torna a questão ainda mais complexa, ao propor que a cidade se constituiria não apenas na soma, mas no conflito dos fluxos com os fixos (GASTAL, 2006). Susana Gastal ao aprofundar os conceitos cidade e urbano, buscando sua independência e suas interdependências, a autora apresenta como diferentes sociedades, em diferentes momentos, viveram suas cidades e sonharam seu urbano. A cidade, enquanto espaço físico e as inter-relações sócio-econômicas nela efetuadas, supõe o urbano como um modo de vida, uma sensibilidade e uma cultura vivenciados como imaginário.

...se a cidade é a materialização, no espaço, do Urbano, esta materialização não se restringe aos elementos fixos: praças, monumentos, igrejas, casas, ruas e muitos outros. Em torno e no interior dos fixos há todo um mundo em movimento, onde circulam as pessoas, mercadorias, relações sociais, manifestações culturais, para além do simples trânsito de veículo individuais e coletivos. Eles constituem fluxos que junto com os fixos, formam a Cidade (GASTAL, 2004, p. 211).

Ainda nessa relação entre fluxos e fixos, porém para além da cidade e o urbano, inserindo essa discussão no âmbito do turismo, Castrogiovani diz que,

As instâncias móveis das cidades, ou seja, os fluxos, são importantes, pois são eles que

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

dão vida aos fixos. Os turistas, papel que assumimos quando estamos em movimento no espaço, fazem parte dos fluxos. Eles não são meros observadores desse espetáculo de interações, mas parte dele. [...] A cidade não é apenas um conjunto de elementos observados (fixos) mas produto de muitos construtores (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 24).

Na fala de Lúcia Helena a presença de um elemento nada concreto como personagem dessa personificação da cidade. O ser humano que nela vive altera toda e qualquer construção imaginária padronizada do espaço cidade.

O autor/ator constrói “lugares”, “espaços no espaço” que representam marcas diferenciais de apreensão da cidade. Estas, por sua vez, revelam a possibilidade de uma experiência plural e diversificada por parte dos diferentes usuários, que deixam índices de sua participação concreta: produzem, no cotidiano, signos-vestígios de seu modo de interagir com a realidade, através do variado uso-interpretante que fazem do espaço ambiental (SANT'AGOSTINO, 1998, p. 77).

“O que um imaginário quer dizer? O que um imaginário quer mostrar?”, pergunta Juremir Machado da Silva. O próprio autor responde: “Que cada olhar é uma imagem. Que cada imagem é um olhar. Imaginação do olhar. Olhar da imaginação” (SILVA, 2003, p. 70).

Leandro de Lemos considera mito afirmações como o turismo requer belezas naturais, sendo este recurso primordial para a captação da demanda turística. Por mito, diz ele, entende-se que são “exatamente estas afirmações que, pela repetição, transformam-se em definições consensuais sobre a realidade camuflando em verdades que, muitas vezes, não admitem contestações” (2002, p.77). O autor também destaca a tendência urbana na prática turística.

Sem dúvida as belezas naturais são vantagens comparativas para as localidades que as possuem. Todavia, cabe destacar que o turismo, apesar do fenômeno do ecoturismo, vem se constituindo como um fenômeno urbano. Se pensarmos em termos de Europa, por exemplo, veremos inúmeras cidades, dentre as mais visitadas, que não são caracterizadas como belas em termos de recursos naturais (DE LEMOS, 2002, p. 80).

Susana Gastal também corrobora desse pensamento e retoma a prática do *grand tour* para dizer que os turistas modernos percorrem as cidades em busca de um produto muito especial, a cultura, levando os teóricos a descrever esse novo momento do turismo a partir de um binômio que coloca, lado a lado, a cultura da cidade”. (GASTAL, 1999, P. 33).

Pesavento ao analisar o discurso literário, entende que “..se é o olhar que qualifica o

mundo, a narrativa literária ordena o real e lhe confere um valor [...] A retórica, o estilo, os registros de linguagem que selecionam palavras e fazem uso de metáforas são responsáveis pela formação do museu imaginário de cada um” (2003, p. 14). Para chegar a esse entendimento Pesavento percorre um caminho que também pode ser trilhado para explicar como os meios de comunicação podem contribuir para a construção do imaginário de cidade e das cidades no turismo.

Há, pois, uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. [...] Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas em sua forma e traçado (PESAVENTO, 2003, p. 10).

Ainda com relação a construção do imaginário de cidade pela mídia, Gastal e Moesch (2007, p.25) lembram do discurso do historiador da cultura e professor da Universidade de Columbia, Andréas Huyssen, no II Encontro Internacional de Pensamento Urbano⁶. Para ele não existiria, hoje, um único imaginário a partir do qual pensar as cidades globais. No seu entendimento, as cidades globais “seriam convergências de experiências, memórias e realidades cada vez mais diversas e, até, incompatíveis entre si, que deverão aprender como reconciliar o universal com o particular”.

Se “o imaginário é uma produção anônima de sentido” (SILVA, 2003, p. 92), “o trânsito da leitura turística deve ficar entre as possíveis percepções humanas e o infinito mundo dos desejos”, diz Castrogiovani (1999, p. 26) e lembrando que o compromisso do imaginário “é com as necessidades que estão no coração de cada turista (GASTAL, 2005, p. 88).

Considerações Finais

Mesmo o tumulto, conseqüência de muitas coisas e muitas pessoas agindo e reagindo em simultâneo, criando e intensificando fluxos – o dito “caos”, pelos críticos mais ferrenhos –, que de acordo com o senso comum caracterizaria a cidade, passa ser visto por muitos, em especial aqueles que olham as cidades de fora e as percorrem como visitantes, como um atrativo a mais. Com base numa teoria contemporânea que chama

⁶ “Ciclo de debates organizado pelo governo argentino, em 2006, para realizar uma reflexão sobre o viver a cidade nos seus desafios e, especialmente, sobre o impacto da expansão das grandes urbes sobre a vida cotidiana das pessoas. (GASTAL e MOESCH, p. 25).

atenção para a urbanização dos espaços idílicos constantemente identificados com o imaginário de paraíso e, por consequência, os prejuízos ambientais causados nesses espaços, ao mesmo tempo em que valores históricos e culturais recebem atenção dos pensadores do turismo, viu-se a possibilidade de, quem sabe, ressignificar cidades. Talvez possamos dizer que o turista também mudou seu olhar em relação às cidades, como aborda Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 32), ao dizer que a percepção espacial da cidade renovou-se no tempo. Para a autora, as imagens e discursos que dão forma e conteúdo ao espaço urbano traduzem um princípio de entendimento e organização do mundo que é, em si, produzido histórica e socialmente. Por este motivo, cada cidade é única. E se não estiver junto às montanhas ou no litoral, se valerá de outros recursos naturais, como o pôr-do-sol junto a um curso d'água ou não, parques, praças. ou a espaços culturais, sua história ou ainda sua gente, pois a cidade deve ser vista como um bem cultural, onde devem ser valorizadas funções culturais que atendam à vida qualificada do sujeito cidadão (CASTROGIOVANI et all, 1999, p.32).

Gastal e Moesch (2007, p.12) vão dizer que “...no turismo fala-se cada vez mais em *experenciar, vivenciar e conviver*” e que será preciso olhar a “cidade não como um espaço físico, mas como um espaço onde circulam pessoas, idéias e saberes, e onde as culturas, o imaginário urbano e o conceito de cidadania seriam pactuados”. Assim, o “turismo seria menos o percurso do espaço, para tornar-se um percurso por tempos-espaços, em especial culturais, diferentes daqueles a que se esteja habituado, com ênfase nas vivências e experiências” (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 37).

Por estas razões, a cidade merece ter estudadas suas novas possibilidades e relações com o turismo. Ela – a cidade – é ainda reflexo de seu tempo, convívio harmonioso ou não entre passado e futuro, que guarda marcas históricas na sua paisagem. Em meio à agitação cotidiana, ao tumulto da vida moderna, reserva espaços para olhar a si mesma e admirar-se com o que vê.

Referências Bibliográficas

BENI, Mário Carlos. *Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. “O Papel da Cultura em Cidades Pouco Sustentáveis”. In Serra, Mônica Allende (org) *Diversidade cultural e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

CANEVACCI, Massimino. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunidade urbana*. São Paulo: Studio Novel, 1997.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GASTAL, Susana (org). *Turismo urbano: cidades, sites de excitação turística*. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. “Turismo e ordenação no espaço urbano” in CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GASTAL, Susana (org). *Turismo urbano: cidades, sites de excitação turística*. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. “Turismo e ordenação no espaço urbano”. in: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (Org.). *Turismo Urbano*. São Paulo: Contexto, 2000.

DE LEMOS, Leandro Antônio. Os sete mitos do turismo: a busca de alguns conceitos fundamentais. In: GASTAL, Susana. (Orgs.) *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas/SP: Papirus, 2006.

GASTAL, Susana. “O produto Cidade: caminhos de Cultura, caminhos de Turismo” in CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GASTAL, Susana (org). *Turismo urbano: cidades, sites de excitação turística*. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.

GASTAL, Susana. *Imaginário Urbano: relendo o Texto Praça*. In: VI LUSOCOM, 2004, Covilhã, 2004.

GASTAL, Susana. *Turismo, imagens e imaginários*. São Paulo, SP: Aleph, 2005.

GASTAL, Susana. *Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas/SP: Papirus Editora, 2006.

LEITE, Julieta e PONTUAL, Virgínia. “Da cidade real à cidade digital: a flânerie como uma experiência espacial na metrópole do século XIX e no ciberespaço do século XXI”. In: *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 30, agosto 2006.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MOESCH, Marutschka e GASTAL, Susana (org). *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANT'AGOSTINO, Lúcia Helena Ferraz. Práxis simbólica e imagem da cidade. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; FECHINE, Yvana. *Visualidade, urbanidade, intertextualidade*. São Paulo, SP: Hacker, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Juremir M. (2001). “Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade”. In: *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 15, agosto 2001.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. *Cidades Turísticas: identidades e cenários de lazer*. São Paulo: Aleph, 2004.